

A DESINTEGRAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL E A VIOLÊNCIA NO CONTO *A CALIGRAFIA DE DEUS*, DE MÁRCIO SOUZA, E NO DOCUMENTO HISTÓRICO *MURAI DA*, DE JOÃO HENRIQUE WILKENS

Monike Rabelo da Silva (Ufam)¹

José Benedito dos Santos (Ufam)²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo discutir sobre “A desintegração da identidade e a violência no conto *A Caligrafia de Deus*, de Márcio Souza e no documento histórico *Muraida*, de João Henrique Wilkens”. Para isso, adotam-se como bases teóricas os trabalhos de: Hall (2005); Rincon (2012); Guedelha (2012); Souza (2010); Ramos (2015), os quais servem de escopo para a leitura dessas temáticas recorrentes. Para tanto, o trabalho dividiu-se em dois tópicos: no primeiro, tratou-se brevemente a respeito da concepção de identidade e da desintegração da identidade cultural brasileira resultante da modernidade tardia, conforme Stuart Hall (2005). Após isso, realizou-se um paralelo da perda da identidade cultural da etnia indígena e ribeirinha, no que tange às personagens Izabel Pimentel e Alfredo Silva, da obra *A Caligrafia de Deus*, de Márcio Souza (2008), e da tribo indígena *Muhra*, da obra *Muraida*, de João Henrique Wilkens (2012); e no segundo, estudam-se as manifestações de violência presentes nas duas obras analisadas. A pesquisa confirma o processo de desintegração da identidade indígena e ribeirinha e a violência contra as personagens das obras literárias supracitadas, decorrentes dos processos de aculturação, marginalização e extermínio, empregados pelos jesuítas no século XVIII, o qual continua vigorando, em pleno século XX, cometido por uma modernidade tardia, capitalista e opressora.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade Cultural; Desintegração; Violência.

ABSTRACT: This article aims to discuss "The disintegration of identity and violence in the tale Calligraphy of God, Márcio Souza and historical document Muraida, John Henry Wilkens." For this, they are adopted as theoretical basis of the work: Hall (2005); Rincon (2012); Shag (2012); Souza (2010); Ramos (2015), which serve as scope for reading these recurring themes. Therefore, the work was divided into two topics: the first was treated briefly about the concept of identity and disintegration of the Brazilian resulting cultural identity of late modernity, as Stuart Hall (2005). After that, there was a parallel loss of cultural identity of indigenous and riverine ethnic group, with respect to the characters Izabel Pimentel and Alfredo Silva, the work Calligraphy God, Márcio Souza (2008), and Muhra Indian tribe, Muraida the work of John Henry Wilkens (2012); and second, we study the manifestations of violence in the two works analyzed. The research confirms the process of disintegration of indigenous and riverine identity and violence against the characters of the above literary works, resulting from acculturation processes, marginalization and death, employed by the Jesuits in the eighteenth century, which remains in force in the twentieth century, committed by a late modernity, capitalist and oppressive.

KEYWORDS: Cultural identity; Disintegration; Violence.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Márcio Gonçalves Bentes de Souza (Manaus, 4 de março 1946), mais conhecido como Márcio Souza, é romancista, ensaísta, dramaturgo, cineasta e jornalista. Sua vasta produção

¹ Graduanda do Curso de Letras – Língua e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. E-mail: narlison123@hotmail.com.

² Mestre em Letras - Estudos Literários – pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Professor Substituto de Língua e Literatura Portuguesa – DLLP – ICHL - Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa - GEPELIP. Manaus – Amazonas - Brasil. CEP: 69077-000. E-mail: profbenesantos@hotmail.com.

literária abrange a Literatura Amazonense. Dentre suas obras destacam-se: *Galvez, imperador do Acre* (1976); *A expressão amazonense* (1977); *Mad Maria* (1980); *O fim do terceiro mundo* (1990); *A Caligrafia de Deus* (data da publicação, 1994), mas será adotada para esta análise a edição publicada em 2008; *Lealdade* (1997); *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro* (1997); *Desordem* (2001); *A paixão de Ajuricaba* (2005).

A obra *A Caligrafia de Deus* (2008) inicia com o assassinato dos dois protagonistas, Izabel Pimentel e Alfredo Silva, conhecido no espaço urbano como Catarro. Eles são migrantes que se mudaram para a capital do Amazonas, a fim de obter melhores condições de vida. A obra apresenta como cenário o espaço urbano de Manaus. A narrativa retrata o início da implantação da Zona Franca, os efeitos negativos da modernidade tardia, bem como as transformações da cidade que se viu declinar, após o período áureo da borracha. O escritor é conhecido por seu estilo objetivo, irônico e de humor mordaz, na construção de suas obras. No livro *A Caligrafia de Deus* (2008), sobretudo, nota-se a crueldade da escrita, o retrato da desintegração identitária e da violência contra o ser humano, a noção de descarte e de não aceitação do Outro, do diferente, o qual é aniquilado pela sociedade dita “moderna”.

João Henrique Wilkens foi um militar português a serviço da Coroa Portuguesa que retratou na obra *Muraida* (manuscrito de 1785) a consequente pacificação e conversão da nação *Muhra* ao Catolicismo. A crítica diverge quanto ao gênero dessa obra: alguns a tem como poema épico, outros, porém, consideram que a obra engendra-se melhor como documento histórico inestimável sobre o espaço amazônico. Em relação às temáticas da desintegração identitária e da violência na obra *Muraida* (2012), vê-se a dicotomia dominador *versus* dominado, sendo na perspectiva de Wilkens, primeiros, os indígenas e segundos, os portugueses. No entanto, é perceptível na leitura da obra o contrário: os *Muhra* foram explorados e aniquilados pelos portugueses.

Nesse trabalho, a abordagem se dá no estudo Literário e Social das temáticas da desintegração da identidade e da violência presentes n’*A Caligrafia de Deus* (2008), de Márcio Souza e na obra *Muraida* (2012), de João Henrique Wilkens, entendendo, conforme Candido (2006), a Literatura como expressão artística da sociedade, e por isso, uma arte interessada nos problemas sociais, retratando-os nos moldes da ficção.

1. A DESINTEGRAÇÃO IDENTITÁRIA EM A CALIGRAFIA DE DEUS E EM A MURADA

O ser humano sempre refletiu a respeito de sua natureza identitária. Temos a necessidade inata de nos perceber como indivíduo e construir a nossa identidade cultural. Porém, esta não é uma questão simples, pois resulta de vários fatores, que tomados em conjunto redundam em quem nos constituímos como ser sociável, na construção de nossa identidade. Dada à amplitude do termo identidade, têm-se tais integrantes: lugar, gênero, raça, história, nacionalidade, idioma, crença religiosa, etnia. Desse modo, como indivíduos culturais, e resultantes da pós-modernidade, precisamos compreender o termo *crise de identidade*, que vem nos abalando e provocando a perda conforme Hall (2005), da noção que temos de integração. Além disso, ele afirma que o próprio processo de identificação, ao qual projetamos as nossas identidades culturais é variável.

A modernidade é mundialmente conhecida como uma época de conquistas, de grandes avanços nas mais diversas áreas do conhecimento. Porém, em muitos países, essa modernidade tardia, ocasionou a chamada *crise de identidade*. Stuart Hall (1932-2014), teórico cultural e sociólogo que construiu reflexões inestimáveis a respeito da identidade, dentro da perspectiva dos Estudos Culturais. Em seus estudos, Hall (2005) distingue três concepções de identidade do ser humano. Cabe aqui abordar, brevemente, a respeito da ausência de identidade fixa do sujeito pós-moderno, ou seja, a *crise de identidade*, a qual ele carrega consigo como uma espécie de perda de um sentido de si, como marca das discontinuidades das sociedades modernas.

Na esteira de Hall (2005) entende-se que as identidades humanas são construídas historicamente e por isso são múltiplas, diversificadas e passíveis de constantes transformações, sendo, por sua vez, formadas por encontros e desencontros:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar (HALL, 2005: 13).

O posicionamento de Stuart Hall (2005) permite a constatação de que em decorrência da *crise de identidade*, há o deslocamento ou a ausência de referentes consistentes para as identidades, ocasionando a fragmentação e até mesmo a total desintegração da identidade do indivíduo, que passa a viver à margem da sociedade, tal como ocorre com os homens

indígenas e os ribeirinhos, atingidos pela catequização, seja ela jesuítica, ou coordenada por uma freira, como no caso da personagem Izabel Pimentel.

Tomando como base a concepção de que a modernidade propicia a fragmentação da identidade, traça-se, neste texto, um paralelo acerca da forma de catequese adotada pelos jesuítas no Brasil e a que é retratada na obra *A Caligrafia de Deus*, de Márcio Souza.

Os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil no ano de 1549, com a expedição de Tomé de Souza. Eles eram padres da Igreja Católica que faziam parte da Companhia de Jesus, e tinham por missão a difusão da fé e a catequização de pessoas ao cristianismo. Neto; Maciel (2008) apresentam os princípios básicos dessa ordem:

- 1) a busca da perfeição humana por meio da palavra de Deus e a vontade dos homens;
 - 2) a obediência absoluta e sem limites aos superiores;
 - 3) a disciplina severa e rígida;
 - 4) a hierarquia baseada na estrutura militar;
 - 5) a valorização da aptidão pessoal de seus membros.
- São esses princípios que eram rigorosamente aceitos e postos em prática por seus membros, que tornaram a Companhia de Jesus uma poderosa e eficiente congregação (NETO; MACIEL, 2008: 5).

Mediante tais princípios e as leituras realizadas a respeito da vinda dos jesuítas ao Brasil, nota-se que a forma de catequese implementada foi desrespeitosa à cultura indígena. Valendo-se de aspectos da cultura indígenas, especialmente a língua, os jesuítas se faziam participantes e próximos, com o intuito de destribilizá-los e violentar a mentalidade, bem como os costumes nativos. A exemplo disso citam-se o uso dos instrumentos musicais europeus como estratégia de atrair os índios aos seus ensinamentos; o trabalho na lavoura, o qual eles consideravam uma atividade exclusivamente feminina; o consumo elevado de álcool entre os índios, o qual configura como um dado remanescente da colonização europeia, representado pelos homens de Iauretê-Cachoeira no conto *A Caligrafia de Deus*, de Márcio Souza, dentre outros.

A obra *Muraida*, poema épico de Henrique João Wilkens (2012), é um exemplo desse processo violento, ao qual foram submetidos os povos indígenas da tribo *Muhra*. Em *A expressão amazonense*, Márcio Souza (2010) reflete a respeito da obra citada, denunciando a crueldade que os colonizadores europeus tiveram para com os muras, ao não reconhecer a sua identidade religiosa e subjugar-los: “Sem templo, culto ou rito permanente, parece que esquecidos da deidade alheios vivem dela independente” (WILKENS, 2012: 32).

Diante disso, constata-se a experiência negativa que os jesuítas trouxeram aos nativos, ao interferirem radicalmente em sua cultura, bem como a dominação e o extermínio da tribo *Muhra* pelo militarismo português. Utilizando o nome de Deus como pretexto para a aculturação, catequização, colonização, desterritorialização, os colonizadores com a ajuda dos jesuítas contribuíram para a desintegração da identidade indígena, a qual se mantém atuante na sociedade amazônica contemporânea, por meio do convívio com a cultura das escolas católicas, das influências alheias e, principalmente, com a experiência impositiva da cidade, aspectos os quais Márcio Souza (2008) retrata na obra *A Caligrafia de Deus*.

O conto *A Caligrafia de Deus*, de Márcio Souza (2008) pertence ao conjunto de cinco contos que compõem a obra de mesmo título. Recorre-se à tese de mestrado de Neire Márzia Rincon (2012), na qual se tem a reflexão de aspectos relevantes ao conto supracitado: *a Caligrafia de Deus e a Cidade Ilhada: imagens da cidade de Manaus na contística de Márcio Souza e Milton Hatoum*. Escrita entre 1970 e 1990, o cenário urbano da obra de Márcio Souza (2008) é a cidade de Manaus, no contexto histórico dos primeiros anos de implantação da Zona Franca, a qual atraía grandes fluxos migratórios e, por sua vez, arrecadava como consequência o completo desajustamento físico e humano (RINCON, 2012: 52).

Nesta obra, observa-se o processo detalhado de desintegração da identidade da personagem Izabel Pimentel, uma índia que morava em Iauretê-Cachoeira, a qual tinha uma família conflitante, já que o pai, Pedro Pimentel, passava os dias bebendo álcool misturado com água, assim como os demais homens da região, e sua mãe, Maria Pimentel, uma índia da etnia tukano, tal como as demais mulheres casadas, praticamente sustentava a casa sozinha, por meio do comércio de ovos de galinhas.

Aos dezessete anos, Izabel estudava na Escola Salesiana da Missão de São Miguel. Lá, ela sofria violência física e, principalmente, cultural, por parte de Madre Lúcia, que a castigava por não aprender a soletrar, nem decorar as palavras em italiano de um hino utilizado na catequese: “Madre Lúcia, os olhos verdes como casca de tucumã, estaria sempre a dar-lhe cascudos com uma sineta e a chamá-la de menina louca” (SOUZA, 2008: 13). Izabel tinha um grande sonho: ser beijada por um homem, e tal sonho era conhecido por Madre Lúcia que se impacientava com as perguntas sobre beijo que a moça lhe fazia. É evidente o modo intolerante e cruel da catequese feita por essa mulher, que brutalmente colaborou para o processo de desintegração da identidade indígena da moça. Esta que, antes de ir para a escola da Missão, não era obrigada e muito menos castigada a decorar hinos e toda a instrumentária da catequese europeia. Além disso, ela era chamada de louca pela Madre, no entanto, era muito mais autêntica que esta, pelo o fato de praticar aspectos da cultura indígena, já que

subia nas goiabeiras e tomava banho nos rios. Apesar disso, a identidade indígena de Izabel vai se fragmentando, já que ela sonhava em ser beijada, pois a realidade dos casamentos de sua comunidade era outra, não havia romantismo, não havia beijo, e nesse ponto, a cultura do beijo mostrada pelas revistas vindas de Manaus, lhe parecia atraente.

Ao longo do conto, Izabel sofre dois processos de perdas que culminaram na desintegração total de sua identidade indígena. O primeiro está relacionado à extração dos dentes. Tal processo foi executado por Madre Lúcia que a convence de colocar um par de próteses dentárias, alegando que a moça iria substituir os “dentes amarelados em bom estado, mas desalinhados e pontudos”; por “dentes brancos, brilhantes, perfeitos e esmaltados” (SOUZA, 2008: 15). Nota-se, no discurso de Madre Lúcia, o etnocentrismo dos antigos religiosos em relação ao indígena, ou seja, a imposição do padrão de beleza europeu. Vê-se claramente aqui expressa a dicotomia: dominante *versus* dominado, nas figuras de Madre Lúcia *versus* Izabel Pimentel. Iludida com a hipótese de ficar “uma perfeita moça da cidade” e, então, poder experimentar a sensação de um beijo, Izabel decide aceitar “a proposta” de Madre Lúcia, que ainda exige pagamento pelo “serviço prestado”, impondo-lhe trabalhos forçados:

Mas o processo não era barato, não seria feito de graça. Madre Lúcia agora dava tarefas mais duras na roça para Izabel fazer. Todas as louças e panelas tinham de estar sempre imaculadas pela mão de Izabel Pimentel. O piso do cimento da igreja lavado, a poeira dos livros dispersada e as roupas engomadas pela mão de Izabel (SOUZA, 2008: 15).

O antropólogo Federico Olóriz Aguilera esclarece que “a identificação é o ato mais frequente e elementar da vida social” (*apud* ARAÚJO; PASQUALI, s/d: 2). Para identificar as pessoas, utilizamos os sentidos: a visão, o olfato, a audição, o tato e o paladar. Além disso, foram estudados pelas mais diversas sociedades e tempos, processos de identificação do ser humano. Dentre eles, citam-se: o nome; os dentes, ao lado das partes do corpo e a arcada dentária. Ao perder os dentes, Izabel perde o nome Pimentel, o sobrenome que todos os habitantes de Iaureté-Cachoeira tinham, e com isso, perde a sua identidade indígena, suas raízes dentárias são arrancadas, tais como suas raízes culturais. Nota-se que os indígenas da comunidade citada, já sofriam o processo de desintegração de sua identidade, pois todos recebiam o mesmo sobrenome: Pimentel.

Ao adquirir os “novos dentes”, Izabel provocou a repulsa dos rapazes da comunidade, que sob nenhuma hipótese, queriam beijá-la (SOUZA, 2008: 17). E isto ocorre devido à

importância e o significado dos dentes para as sociedades de todos os tempos. A extração dos dentes e a implantação de próteses correspondem para a cultura indígena como mutilação, desfiguração e negação de sua identidade. Marginalizada do convívio familiar e comunitário, Izabel migra para a cidade de Manaus, para trabalhar no Colégio Salesiano. Já na cidade, Izabel acaba fugindo do colégio e consegue um emprego de operária em uma fábrica da Zona Franca. É lá que ela sofre o segundo processo de desintegração identitária. Izabel considera a experiência do trabalho na fábrica, torturante, invasivo, por causa das péssimas condições de trabalho e baixos salários: “(...) passar oito horas num cubículo iluminado a néon, com dois ventiladores que soltavam ar quente”; “ganhava uma mixaria” (SOUZA, 2008: 24). Sobretudo, ela sofre assédio sexual, pois na saída do trabalho, todas as funcionárias passavam pela “vistoria” dos guardas, que com o pretexto de verificar se não estavam roubando nada, apalpavam seus glúteos.

Cansada de ser apalpada e das péssimas condições de trabalho, a índia começa a prostituir-se na Zona Franca de Manaus. Na cidade, ela é conhecida pelas designações: índia Potira, Diacuí ou Izabel Pirada. Começa a frequentar uma boate por nome de *O Selvagem* e lá conhece Alfredo Silva (vulgo Catarro), com quem mantém um relacionamento amoroso. Neire Márzia Rincon (2012) tece uma reflexão pertinente a respeito da trajetória de Izabel: “De indígena, amazonense, interiorana e catequizada, segue rumo a sua própria aniquilação” (RINCON, 2012: 57). Relata ainda que a identidade de Izabel vai sendo (des)construída, desintegrada nas perdas e nas ausências: “a falta de dinheiro da família, a mãe agredida e os dedos da mão aniquilados pela violência, a morte do pai, os dentes arrancados, a ida para a cidade grande, o beijo não realizado, o amor violento do companheiro, a prostituição, por fim, a morte abrupta e sem motivo” (RINCON, 2012: 57). Diante de tais perdas e ausências, Márcio Souza constrói “uma imagem precisa do desenraizamento que paira sobre a Amazônia” (RINCON, 2012: 57). Mas também, Izabel e Catarro são mortos inocentes pela polícia, Bacurau e Miss Zona são presos em uma operação denominada de *Operação Grande Zona* -, acontecimento simbólico da demonstração de força policial -, comandada pelo Comissário Frota.

Catarro mora com Izabel e seus dois sócios: Bacurau e Miss Zona. Alfredo Silva (Catarro) é um ribeirinho que foge para Manaus, por não aguentar mais viver na casa do pai, que sofre inundação com a cheia anual dos rios. Ao invés de uma cidade moderna e distribuidora de oportunidades aos migrantes, o espaço urbano de Manaus oferece ao recém-chegado apenas a miséria e marginalização social. Chegando a Manaus, ele ocupa somente

funções periféricas: primeiro, trabalhou como carregador de bananas, depois vira segurança e demitido, inicia no crime e foi até preso durante um dia.

As personagens do conto “A caligrafia de Deus”, de Márcio Souza, perdem sua identidade social. Alfredo Silva, ao receber o apelido de catarro, perde sua identidade de homem ribeirinho, passando a viver à margem da sociedade. Também ocorre o mesmo processo com seus dois sócios, dos quais temos poucas, mas, suficientes informações: Bacurau e Miss Zona. O primeiro é descrito como “um hábil rato d’água na rampa dos Remédios” e o segundo é apresentado, como “uma bicha que fazia assaltos a motoristas de táxi” (SOUZA, 2008: 20). Ao leitor não é apresentado o nome de ambos, mas somente seus apelidos, os quais configuram como realce de seu pouco valor social. Indivíduos mascarados pelos apelidos, por isso são impossibilitados do convívio em sociedade, por serem produtos de um sistema excludente.

Culpado pela polícia de todos os crimes que aconteciam na cidade de Manaus, Catarro passa a ser perseguido pelo Comissário Frota. Ele, a amante e os dois sócios habitam no bairro Japiim, próximo à Zona Franca, mas conforme Rincon (2012), “não se beneficiam do que a metrópole oferece em termos de modernidade” (RINCON, 2012: 54), por morarem em:

Uma casa de tábuas cinzentas e retorcidas pela chuva e pelo sol (...) muito capim-serra, urtiga, um pé mamoeiro e uma velha mangueira quase sem folhas. A casa, coberta de palha. (...). Um rego de água fedida atravessava os calombos da rua e fazia um mapa escuro no barro seco (SOUZA, 2008: 7).

O espaço urbano da periferia indica uma cidade construída sem planejamento, cercada de moradias inóspitas e dividida em classes sociais e no contraste entre riqueza *versus* pobreza (RINCON, 2012: 54). Assim como o espaço urbano ocupado, Izabel, Catarro e os seus dois sócios são abandonados pela sociedade manauense. Sujeitos que perderam sua identidade no caminho, não se reconhecem no espaço urbano, mas, que em seu interior sentem repulsa por essa sociedade “dita moderna”, que em nome do progresso explora os migrantes, sejam indígenas ou ribeirinhos, os quais são excluídos da modernidade e do convívio em sociedade.

Ao longo do conto, tem-se a afirmação da máxima de que “Deus escreve certo por linhas tortas” (SOUZA, 2008: 9, 10, 23), e no final, a personagem Catarro pensa que “se Deus escrevia tudo aquilo, não era só o caso de escrever por linhas tortas, é que ele tinha certamente uma péssima caligrafia” (SOUZA, 2008: 28). Compreende-se que a colonização, aculturação, catequização, desterritorialização, efetivada pelos europeus, desde o século XVI até o século

XIX, contribuíram para a desintegração da identidade indígena da Amazônia. O apagamento da identidade dos povos amazônicos continua em pauta e se mantém, na sociedade amazônica contemporânea, por meio do convívio com a cultura das escolas católicas, evangélicas, das influências alheias e, principalmente, com a experiência impositiva da cidade, aspectos os quais Márcio Souza (2008) retrata na obra *A Caligrafia de Deus*. Acrescente-se que a modernidade tardia trouxe efeitos negativos para o espaço urbano de Manaus, tais como: “problemas com a arquitetura irregular, bairros sem urbanização e planejamento, igarapés poluídos” (RAMOS, 2015, p. 51), e, sobretudo, o estigma da desintegração da identidade cultural e a violência, porém tal fato não justifica a tentativa de culpabilidade divina diante de tal processo. Acredita-se que Deus escreve certo por linhas certas e o homem amazônico é vítima do processo social, político e econômico implantado na região, desde o período colonial até o presente.

Cláudia Ramos (2015) no artigo intitulado -, “A perda da identidade cultural no espaço urbano, no conto *A Caligrafia de Deus*, de Márcio Souza” -, faz uma crítica contundente a respeito da exclusão social presente na supracitada obra de Márcio Souza, e conclui que “o contexto urbano não consegue acolher Izabel e Catarro, eles, dois indivíduos marginais, sem identidade própria, perdidos em meio a um contexto social que privilegia o branco, que os marginaliza” (RAMOS, 2012: 61). Percebe-se que, no contexto urbano “modernizado”, não há espaço para o diferente, não há sequer diálogos, o diferente é descartado.

Portanto, constata-se na *Caligrafia de Deus*, o caos urbano instaurado; a modernidade como fator de atração *versus* repulsa, dicotomia cruel que impõe aos migrantes as consequências trágicas dessa modernização.

2. NARRATIVAS DA VIOLÊNCIA CONTRA OS INDÍGENAS E RIBEIRINHOS

A violência é uma temática recorrente na sociedade e na Literatura brasileira. A mesma não é uma prática apenas do passado, mas mantém-se na contemporaneidade, como uma espécie de herança colonial e também como produto da modernidade tardia. Odalia (1983:13) corrobora com essa noção, ao afirmar que “por mais que recuemos no tempo, a violência está sempre presente, ela sempre aparece em suas várias faces”.

A forma de catequese empregada pelos jesuítas durante o Brasil-Colônia, assim como a que é retratada na *Muraida*, configura na completa desumanidade da sociedade dominante cristã que subjogou as nações indígenas, e utilizando de violência física e cultural, as

exterminou. Isso dá a medida do sequestro de identidade promovido pelos portugueses contra povos que também construíram o Brasil.

Para Costa; Costa (2009) o trabalho dos jesuítas no Brasil, dividiu-se em duas fases: eles denominam a primeira, de “evangelização pelo amor”, e a segunda, de “evangelização pela força” (COSTA; COSTA, 2009: 7), ou seja, pela violência. Na *Muraida*, de Wilkens, pode-se acrescentar uma terceira fase: o completo extermínio. Não conseguindo em primeira instância catequizar os índios, os jesuítas mudaram de estratégia, lançando mão das crianças indígenas, pois eles:

Sofriam menos a influência dos pajés e dos antigos costumes, talvez por não terem vivido ainda tempo suficiente para que esses costumes fossem arraigados. Conforme crescessem na doutrina cristã poderiam se tornar os novos porta-vozes do Cristo ressuscitado e influência para os demais meninos e homens da tribo (COSTA; COSTA, 2009: 11).

Nota-se nesse trecho a mentalidade egoísta e cruel dos jesuítas, os quais não tinham limites para propagar a sua fé, não enxergavam a cultura do Outro, ao contrário, os índios eram animalizados, referidos como “selvagens”. Na *Muraida*, o discurso colonizador caracteriza os *Muhra* como: povo preguiçoso, belicoso e mentiroso. “Ah! Deixa estar, um pouco, já ocioso esse valor cruel, bárbaro, insano!” (WILKENS, 2012: 41). Assim e conforme Guedelha (2012), o que impera tanto na *Muraida*, como nos demais registros históricos é a antítese perversa do colonizador (negativado) e o colonizado (positivado), correspondendo à violência cultural e física, devido à imposição da catequese dos brancos e o subsequente extermínio dos indígenas.

Devido ao intenso fluxo migratório presente na modernidade, o Brasil tornou-se miscigenado, porém repressivo. Conforme Megeers (*apud* SOUZA, 2010: 42), no Brasil: “a mistura racial criou uma combinação biológica composta de brancos, pretos e índios, mas a integração cultural não obteve o mesmo êxito”. Na obra *A Caligrafia de Deus*, de Márcio Souza (2008), nota-se tal impossibilidade de integração cultural na cidade de Manaus, a qual violenta as personagens Izabel Pimentel (índia) e Catarro (ribeirinho), ao exterminar-lhes cultural e fisicamente. Izabel, conforme discutido ao longo do texto, vive entre perdas e ausências, perdeu sua identidade indígena, e também não adquiriu identidade branca, assim como seu amante Catarro, que também perdeu sua identidade de homem ribeirinho.

Listam-se as manifestações de violência sofridas por essas personagens: a) cultural: em Iaureté-Cachoeira, Izabel perde sua identidade indígena, em decorrência da extração dos dentes e o sobrenome Pimentel, e na cidade de Manaus ocupa funções periféricas, de operária

numa fábrica na Zona Franca torna-se prostituta; b) sexual: sofre assédio sexual ao ser apalpada todos os dias na saída do trabalho, c) física: sendo inocente, é assassinada pela polícia. Catarro sofre violência cultural na cidade, o que ocasiona a perda da sua identidade de ribeirinho, já que antes de ir para a cidade, o narrador o descreve como um homem bom. Chegando a Manaus ele passa a habitar em um bairro afastado da cidade e numa moradia precária. Nesse espaço, ele começa a cometer crimes e vai preso por furto. Também sofre violência física na cadeia e na *Operação Grande Zona*, já que sendo inocente, é assassinado pela polícia. Depois de sofrerem violência em todos os aspectos de sua cultura, a sociedade urbana impõe-lhes o único lugar que lhes cabe: a morte, a exclusão física.

O crítico amazonense Paulo Graça, em sua obra *Uma poética do genocídio* (1998), ao examinar a trajetória do indígena no interior da narrativa brasileira, em que é protagonista, chega à seguinte conclusão: “os heróis da cultura ocidental têm o destino previamente traçado, de acordo com o gênero em que estão representados, mas o herói indígena está condenado a um destino diverso, independentemente do gênero em que se apresenta” (GRAÇA, 1998: 29). Por sua vez, Eni Orlandi, em *Terra à Vista*, denuncia que:

Esse processo de apagamento do índio da identidade cultural nacional tem sido escrupulosamente mantido durante séculos. E se produz pelos mecanismos mais variados, dos quais a linguagem, com violência simbólica que ela representa, é um dos mais eficazes. [...]. São, desde o começo, o alvo de um apagamento, não constituem nada em si. Esse é o seu estatuto histórico ‘transparente’ não consta. Há uma ruptura histórica pela qual passam do índio para o brasileiro através de um salto (ORLANDI, 1990: 56).

Diante do exposto acima, constata-se que a sociedade contemporânea violenta a identidade cultural e física dos grupos considerados marginalizados, demonstrando, na prática, que estamos muito aquém dos princípios ideais de igualdade e liberdade de expressão, assegurados pela Constituição de 1988.

Compreende-se conforme Candido (2006) que a literatura representa uma socialização dos impulsos íntimos dos indivíduos, tornando-se assim, uma expressão, que mobiliza o desenvolvimento de afinidades entre as pessoas, levando-lhes a comunicação, e desse modo, a contribuir na construção de uma sociedade que atente para os direitos garantidores da dignidade humana, por meio da crítica de toda e qualquer manifestação da violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, constatou-se o processo de desintegração da identidade cultural e da violência nas obras supracitadas. Com base em Ramos (2015), acredita-se que tais obras foram construídas mediante “o conflito na construção de uma identidade forjada sob a insigne da violência” (RAMOS, 2015: 55). Tais temáticas relacionam-se ao processo de colonização e à modernidade tardia amazonense, como sendo um conjunto de espelhos que reflete a realidade perversa do cenário urbano contextualizado.

A principal função da literatura é a de humanização do homem. Sobre tal função Candido (1989) defende:

Entendo aqui por humanização (...) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1989: 117).

Diante de tal concepção, entende-se a complexidade da **função** humanizadora da Literatura, pois se faz uso dela ao longo das obras estudadas neste trabalho, as quais possibilitam a denúncia da desintegração da identidade cultural e da violência contra os indígenas e os ribeirinhos, que não se encaixam na sociedade manauara dominante, vivem à margem dela, e seguem rumo ao destino trágico que lhes é imposto: a aniquilação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marcos Elias Cláudio de; PASQUALI, Luiz. **Histórico dos Processos de Identificação**. Brasília: Instituto Nacional de Identificação, s/d.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. - Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. **Direitos Humanos e literatura**. In: FESTER, A.C.R. (Org.). **Direitos Humanos e...** . São Paulo: Brasiliense, 1989.

COSTA; Mariza Domingos da; COSTA, Célio Juvenal. **Catequese e Educação dos Indígenas na Colônia – Alguns Apontamentos**. Maringá; Seminário de Pesquisa do PPE, 2009.

GRAÇA, Paulo. **Uma poética do genocídio**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. **Poema Muhuraida, a glória do extermínio de uma nação**. Goiás: RevLet – Revista Virtual de Letras, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MEGEERS, Betty J. **Amazônia, a ilusão de um paraíso**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1977.

NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete. **O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões**. Revista Educar. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

ODALIA, N. **O que é violência?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista**. Campinas: Cortez/ Unicamp, 1990.

RAMOS, Cláudia de Socorro Simas. “**A perda da identidade cultural no espaço urbano, no conto “A Caligrafia de Deus”, de Márcio Souza**”. In: GUEDELHA, Carlos A. M.; PENA, Thays F. de A. (Orgs.). **Expressões Amazonenses na Literatura**. 1 ed. - Curitiba, PR: CRV, 2015.

RINCON, Neire Márcia. **A Caligrafia de Deus e a Cidade Ihada: imagens da cidade de Manaus**. Goiás, 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Goiás.

SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo**. 3 ed. - Manaus: Valer, 2010.

_____. **A caligrafia de Deus**. 3 ed. - Manaus: Valer, 2008.

WILKENS, Henrique João. **Muraida**. Tenório Telles e José Almeida A. da Rosa (Org.). Manaus: Valer, 2012.

Recebido: 05/06/2016

Aceito: 20/07/2016